

Homofobia

PRECISAMOS FALAR SOBRE OS

Temas envolvendo homossexuais ganham voz este ano e tentam quebrar preconceito no Brasil

Por Nathália Barbosa
e Vinícius Costa

Dia 28 de junho de 1969. Esta data é considerada um marco para a comunidade LGBT. O bar Stonewall Inn, que era frequentado por gays, lésbicas, travestis, bissexuais e pessoas que compartilhavam a liberdade sexual, foi invadido por policiais. O resultado foram três dias de conflitos violentos que ocasionaram a morte de muitas pessoas, mas que hoje é reconhecido como o evento catalisador das manifestações mundiais em defesa dos direitos LGBT. Stonewall foi extremamente importante, pois foi a primeira vez que um grande número de pessoas se juntou com o objetivo de enfrentar à polícia e dar um basta nos abusos e na violência exercidos contra elas. Muitos atribuem a esta data e a este acontecimento o início dos movimentos de celebração do orgulho gay.

Muitos anos se passaram, mas a luta continua. Hoje a comunidade LGBT ou LGBTTIS (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Intersexuais e Simpatizantes) está muito mais organizada e muito maior. É crescente o número de pessoas que se juntam à causa em prol dos direitos iguais para todos, mas é preciso muito mais.

Declarações homofóbicas ainda não são consideradas crime. O deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) foi uma das pessoas que mais se mostrou intolerante no ano de 2011. Afirmções preconceituosas, racistas e homofóbicas foram feitas pelo deputado e causaram muita polêmica. Recentemente chegou a questionar a sexualidade da presidente Dilma Rousseff e “pediu” que ela se assumisse para a população brasileira. O líder do PT na Câmara, Paulo Teixeira (SP), vai enviar uma representação ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados pedindo a cassação do mandato de Bolsonaro.

Silas Malafaia, pastor líder da Assembléia de Deus Vitória em Cristo, também se mostra contra os direitos para a comunidade gay. Em uma entrevista à revista *Época* ele afirmou que o Brasil não é um país homofóbico: “No ano passado (2010), 50 mil pessoas foram assassinadas no Brasil, e 260 eram homossexuais. É um índice insignificante para dizer que o Brasil é um país homofóbico”. Ele, assim como Bolsonaro, é contra à lei que criminaliza a homofobia.

Alguns artistas também já fizeram declarações consideradas homofóbicas que não foram bem recebidas pela comunidade gay. Todos se justificaram depois alegando que foram mal interpretados, mas frases como “Deus me livre ter filho gay! O nosso será bem criado” feita pelo marido da cantora Claudia Leitte seguido de “Eu adoro gays, mas prefiro que meu filho seja macho” (frase dita pela cantora) ou “Prefiro ter fama de pegador do que de veado” feita pelo ator Caio Castro, demonstram que ainda vivemos em uma sociedade cheia de preconceito.

Criminalização da Homofobia – Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, uma das mais ativas



Reprodução

Parada do Orgulho Gay na avenida Paulista, em São Paulo



Anali Dupré

“ PORQUE QUERER FAZER ALGUÉM FELIZ, AO NOSSO MODO, PODE SER TÃO ERRADO? ”
(B.A.O)

associações na defesa dos direitos dos homossexuais, a cada 36 horas um homossexual é assassinado em crimes relacionados à homofobia no Brasil. Apesar da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em reconhecer à união estável entre pessoas do mesmo sexo, ainda falta muito para atingirmos a utopia de uma sociedade que respeita, de fato, a diversidade sexual.

A principal bandeira do movimento LGBT agora é aprovar o projeto de lei que torna crime a homofobia no Brasil, o PLC 122. O deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) é um dos responsáveis por essa “batalha”. Em tramitação no senado, o projeto foi aprovado pela câmara dos deputados em 2006, mas sofre uma fortíssima oposição por parte da bancada evangélica, que argumenta que o PLC 122

vai contra a liberdade de expressão e religiosa.

Com frequência a grande mídia informa sobre agressões a pessoas homossexuais. Os motivos para estas manifestações homofóbicas violentas são os mais banais, mas o ápice da intolerância se deu no caso em que um pai estava abraçado com seu filho. Ao ver esta cena um grupo de seis rapazes agrediram o homem e seu filho. O fato ocorreu em São João da Boa Vista (SP). Na agressão o homem teve sua orelha esquerda decepada.

Em entrevista a revista *Trip* o antropólogo Luiz Mott, fundador do grupo Gay da Bahia, declarou: “O número de assassinatos aumenta a cada ano. É assustador. Como não existem dados oficiais sobre o assunto, nosso levantamento é feito com base em notícias que saem em jornais, TV, Internet

e mensagens enviadas pelos grupos gays de todo o país. Mas certamente é subnotificado, há muitos casos não relatados”.

A região central de São Paulo concentra 50% dos casos de agressão física. É onde estão localizadas a Avenida Paulista e a Rua Augusta. Estes ataques são uma reação à maior visibilidade conquistada pelas pessoas homossexuais. Dados oficiais do IBGE apontam que 10% da população do país é homossexual. Esse número só tende a aumentar com os anos e com certeza é maior, pois muitas pessoas ainda tem medo de se assumir.

Sociedade e os gays – O jornalista Vitor Angelo (formado em jornalismo pela PUC – SP) é o responsável pelo **Blogay**, um blog militante que tem como objetivo mostrar para o mundo as contribuições dos gays, lésbicas e travestis. Em entrevista ao **Contraponto** Vitor falou sobre a sociedade em que vivemos hoje, além de explorar assuntos como a homofobia e a representação dos gays na mídia.

“O blog surgiu da necessidade que os dias de hoje “pedem”. Estamos vivendo quase uma inquisição, você pode ver pelo número crescente de agressões. Do mesmo jeito que os gays saíram do armário, a homofobia também saiu do armário. Há uma força muito grande, que é a bancada evangélica/católica fundamentalista. Eles estão montando “um grande poder” para vetar direitos para aqueles que eles são contra. O Estado Laico está se perdendo.”

“**EU NÃO VOU SER MENOS PRECONCEITUOSO SE EU CHAMAR UM NEGRO DE AFRODESCENDENTE**”
(VITOR ANGELO)

Segundo Vitor a homofobia não é uma questão solitária. “Não se combate a homofobia sem combater a misoginia. A relação do preconceito à mulher está muito ligada ao preconceito aos gays. É preciso aliar essa luta ao combate ao preconceito racial, social, regional... Precisamos lutar por todas as minorias. Todo mundo possui algum tipo de preconceito, mas é preciso dosá-lo. A luta não é pequena”. Para ele não basta apenas aprovar uma lei, mesmo porque essa lei poder ser cancelada daqui a um tempo. A saída é “reformular a sociedade, mudar a cabeça da grande maioria”.

Quanto ao tão falado politicamente correto, que esse ano pautou as discussões sobre humor, o jornalista afirma que ele não é a solução: “Eu não vou ser menos preconceituoso se eu chamar um negro de afrodescendente, não vou! Não é essa a solução, é preciso subverter valores. É preciso tirar certas palavras da lama como veado, preto, por exemplo. O politicamente correto é uma bomba ao contrário, pois a partir do momento em que você não pode dizer uma palavra, você passa a querer usá-la”.

Casamento gay e kit anti-homofobia – Depois de anos na espera pelo reconhecimento da união estável os homossexuais brasileiros puderam pela primeira vez comemorar no dia 5 de maio deste ano uma vitória favorável não só para eles, mas também para uma sociedade imersa em preconceitos e tabus. O Superior Tribunal Federal aprovou a lei que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em uma votação os ministros incluíram o Brasil na lista dos países que reconhecem a união homoafetiva comum na sociedade. Esta decisão cria um precedente nacional onde

juridicamente, gays podem se casar, garantindo assim além do reconhecimento da justiça, direitos comuns a casais heterossexuais, como comunhão de bens, herança, e previdência. Ademais o processo de adoção de crianças e a aprovação da PLC 122 - criada para ser uma lei anti-homofóbica -, devem ser facilitados. Muito embora não tenham acontecido protestos mais incisivos a Convenção Nacional dos Bispos no Brasil, demonstrou forte descontentamento com a decisão do tribunal.

O primeiro casamento aconteceu em Jacareí (SP) no dia 28 de junho entre Luiz André de Rezende Moresi e José Sérgio Santos de Sousa sob a decisão do juiz da 2ª Vara da Família e das Sucessões da Jacareí, Fernando Henrique Pinto. A união passou por um processo de anulação, mas o mesmo não foi aprovado e tudo correu como o previsto.

Prevendo acabar com mais um pouco da desigualdade e preconceito existente na sociedade brasileira e aproveitando a deixa da aprovação do casamento gay, o Ministério da Educação preparou um material intitulado “Kit Anti-Homofobia” que seria distribuído nas escolas da rede pública de todo país, e que ao contrário do que muitos disseram nunca foi destinado a crianças e não incluía a distribuição de apostilas. Na verdade, era para ser destinado a escolas de Ensino Médio exclusivamente, que optassem por receber o material caso estivessem sofrendo casos de bullying ou qualquer outra situação preconceituosa manifestada contra alunos e alunas.

Os vídeos que circularam na internet ainda estavam em análise pelo grupo que os produzia. A presidente Dilma Rousseff mesmo ciente de toda a situação decidiu vetar o kit após protestos das

bancadas religiosas no Congresso, alegando que o conteúdo do material a ser distribuído deveria ser modificado. A presidenta decidiu ainda que todo material que versar sobre “costumes” terá de passar pelo crivo da coordenação-geral da Presidência e por um amplo debate com a sociedade civil.

Representação dos gays na mídia – A relação da mídia com a temática da homossexualidade não é tão nova quanto se imagina. A primeira representação de um relacionamento entre um casal do mesmo sexo aconteceu em meados de 1974, com a novela Rebu na Rede Globo. Esta última por sinal atualmente tem se mostrado predominante quando se trata de falar do assunto. Os personagens vão desde um aclamado professor de universidade até um garoto, expulso de casa pela intolerância do pai, e que vai às ruas afim de encontrar uma forma para sobreviver, ambos representados na novela Insensato Coração exibida em horário nobre.

Revelar que esta parcela da sociedade existe e que deve ser respeitada é sim um trabalho da imprensa televisiva, embora saibamos que não se trata de um trabalho fácil. Principalmente quando reconhecemos os preconceitos enrustidos em cada um dos espectadores e dos próprios escritores das tramas. Porém, verdade seja dita, nunca antes pôde se ver homossexuais em suas mais variadas situações apresentados com tanta frequência num veículo que atinge a maior parte da sociedade brasileira. Adquirindo esta postura as emissoras admitem que caminham em passos lentos, porém, avante para um país mais igualitário e respeitoso para todos.

Nas novelas Morde & Assopra, Insensato Coração e Fina Estampa – exibidas na Rede Globo – os personagens Aldo (André Gonçalves), Roni (Leonardo Miggiolim) e Crodoaldo (Marcelo Serra-

Reprodução



Nathália Barbosa



Vitor Angelo, jornalista e um dos idealizadores do Blogay

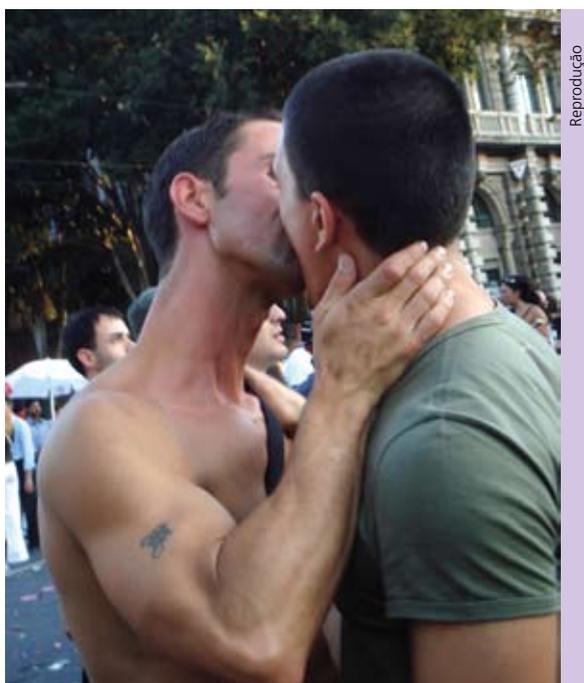
do), respectivamente, roubaram e roubam a cena com facilidade demonstrando agradar o público e evidenciando assim que a realidade difere do que as pessoas mostram. Contradizendo mais ou pouco essa realidade, na novela Amor e Revolução – exibida no SBT – o casal Marina (Gisele Tigre) e Marcela (Luciana Vendramini) deram o primeiro beijo lésbico na história da televisão brasileira. Houve certa manifestação mas nenhuma polêmica de grande porte, mas toda vez que as novelas ameaçam lançar o beijo gay (entre homens) os escândalos e falatórios o impedem de acontecer, expondo ai a intolerância inexplicável e ao mesmo tempo machista dos espectadores brasileiros.

Este fatos nos levam a questionar o porquê então é tão natural encontrarmos não só personagens gays em seriados americanos como **Grey's Anatomy, True Blood, Gossip Girl, The O.C, Friends** entre outros, mas também seriados direcionados especialmente a este público como **The L Word** (2004-2009) por exemplo, que foi o primeiro a abordar exclusivamente o mundo da homossexualidade feminina e **Queer as Folk** (2000-2005), uma espécie de versão masculina de **The L Word**. Observando este assunto com cuidado somos direcionados a mais uma pergunta feita por muitos e pouco esclarecida em relação a última novela das 9h, Insensato Coração, onde o personagem Gilvan (Miguel Roncato) foi espancado até a morte: o Brasil está preparado para ver um gay morrer a chutes e socos, mas não está preparado para ver um beijo?

Quando vem de casa: homofobia na família – “Porque querer fazer alguém feliz, ao nosso modo, pode ser tão errado? Sendo que no fundo, a única coisa que queremos é ser felizes?” questiona B.A.O, 21 anos, estudante, e namorada de G.D.R.

Muitos dos problemas hoje vividos pela sociedade brasileira se originam do lugar menos esperado: a família. A homofobia não se exclui desta lista, muito embora saibamos que é difícil mexer na célula familiar por vários motivos como valores, religião e/ou costumes está mais do que na hora de mostrar para estas mães e pais que ter um filho homossexual não significa ter um monstro em casa e que as pessoas sejam elas quem for precisam ser respeitadas, ouvidas e se possível, aceitas como são.

O **Contraponto** entrevistou duas garotas, lésbicas e assumidas, para falar um pouco sobre suas experiências e visões. Confira:



Reprodução

O Brasil está preparado para ver um gay morrer a chutes e socos, mas não está preparado para ver um beijo?

“**QUANDO UM ADOLESCENTE GAY SE SUICIDA É PORQUE ELE NÃO PODE IMAGINAR PARA SI MESMO UMA VIDA CHEIA DE ALEGRIA PELA QUAL VALHA A PENA FICAR POR AQUI. ENTÃO EU SENTI QUE ERA REALMENTE IMPORTANTE QUE, COMO ADULTOS GAYS, NÓS MOSTRÁSSEMOS QUE NOSSAS VIDAS SÃO BOAS, FELIZES, SAUDÁVEIS E QUE HÁ UMA VIDA DIGNA**”

(DAN SAVAGE)

“It Gets Better”

Em setembro de 2010 o colunista e autor Dan Savage, assumidamente homossexual, junto com seu parceiro Terry Miller, criou um vídeo e colocou no YouTube com o objetivo de inspirar e dar esperança para os jovens homossexuais. A ideia surgiu após o crescente número de suicídios de jovens gays que sofriam **bullying** na escola. Ele escreveu em sua coluna lamentando que nunca teria a chance de sentar-se com tais jovens e dizer-lhes que “apesar das coisas ruins, apesar de ter sido isolado e ficado sozinho, as coisas ficam melhores”. Embora tenha sido tarde demais para Savage falar com alguns desses jovens, ele percebeu que ainda existem muitos que passam pela mesma dificuldade e não é tarde demais para falar com eles. Dan buscou uma forma de informar à juventude LGBT que tudo fica melhor. Assim nasceu o projeto. Savage decidiu compartilhar com o mundo suas terríveis experiências no ensino médio e, mais importante, ele e seu marido resolveram discutir como eles sobreviveram a essas experiências e passaram a viver uma vida feliz e saudável como adultos gays.

Mais de um ano depois o **It Gets Better Project** se transformou em um movimento mundial, inspirando mais de 30.000 vídeos, que já foram vistos por mais de 40 milhões de pessoas. O projeto já recebeu apoio do presidente Barack Obama, de celebridades como Anne Hathaway, Adam Lambert, Ke\$ha, Colin Farrell, Ellen DeGeneres, além de vídeos especiais criados pelos funcionários dos estúdios de animação Pixar, do grupo Google, além da comunidade da Broadway.

Dan Savage comentou sobre a criação dessa grande corrente que move milhões de pessoas: “Quando um adolescente gay se suicida é porque ele não pode imaginar para si mesmo uma vida cheia de alegria pela qual valha a pena ficar por aqui. Então eu senti que era realmente importante que, como adultos gays, nós mostrássemos que nossas vidas são boas, felizes, saudáveis e que há uma vida digna”.

Essa é só um das muitas soluções que grupos, artistas e pessoas importantes encontraram para ajudar a

Contraponto – Como e quando você descobriu que gostava do sexo oposto? E o que pensava sobre o homossexualismo antes disso?

Ana Carolina Bertolo, 19 anos, estudante – Na verdade não é uma questão de descoberta. Se você realmente gosta, e tem certeza que é algo que fará parte da sua vida por um prazo de longa data, isso de certa forma já é de você. (...) Eu tinha medo, pensava comigo: “Será que um dia vou chegar a fazer uma coisa dessas? Não, não posso! Eu não sou assim. Isso é errado!”. De certa forma, a educação que recebi me fez ter essa visão. Contudo eu aprendi que na verdade, o “errado” seria não assumir o que sou.

G.D.R, 21 anos, estudante – Digamos que assim, no fundo eu sempre soube que eu tinha alguma coisa diferente. No fundo eu, particularmente, não acredito que você vire homossexual, acho que é algo que já está em você. (...) Nunca tive nada contra. Sempre achei muito estranho esse preconceito, pensava o que as pessoas viam de tão errado já que pra mim parecia uma coisa tão natural.

CP – Os seus pais sabem sobre você? Caso sim, como foi contar para eles?

AC – Meus pais sempre foram pessoas religiosas, e éticas. Sempre se importando com a sociedade e os olhares. Meu pai por ser um empresário e administrador, é sempre muito ligado em aparências, boatos, visões planas entre outras coisas. Isso faz dele uma pessoa preconceituosa de certa forma. Não contei a ele, não por medo da rejeição. Com a minha mãe foi tranquilo, ela e o resto da família toda já sabem. Não quer dizer que aceitam, mas respeitam.

G.D – Sim, meus pais sabem. E na época foi muito difícil, a reação deles foi péssima. Eles me tiraram do colégio que eu estava. Durante uns três anos foi bem complicado, primeiro para eles me respeitarem e depois para me aceitarem e essa situação só foi se normalizar mais no ano passado que foi quando eles passaram a me olhar da maneira que sempre me olharam. Mas antes eles viviam me perseguindo, rastream a conta do celular, meu MSN, todas as coisas de rede social eles viviam atrás, e quando eu ia sair as vezes eles me seguiam perguntavam com quem eu ia, controlavam muito. Tratavam como se tivesse um doente em casa, foi horrível.

CP – Como você encara a homofobia hoje, no Brasil? E alguma vez já sofreu algum tipo de preconceito em relação a isso?

AC – Ir à padaria e comprar um pão é normal. Um gay ir à padaria e comprar um pão. O que há de errado nisso? Somos pessoas como qualquer outra, temos direitos e deveres. Pagamos impostos, trabalhamos, estudamos como qualquer outra pessoa heterossexual. O que acontece é que o desconhecido pode assustar um pouco, o diferente do padrão às vezes pode ser demais para algumas pessoas.

G.D – Eu nunca sofri nenhuma agressão ao não ser piadinhas. Mas realmente dá bastante medo sair na rua de mão dada e ser agredida acho que é pior ainda quando é um casal de homens porque não tem tolerância mesmo, a sociedade brasileira é muito machista e tem muitos homofóbicos escondidos por ai e acho deploráveis essas manifestações violentas, acredito que algo que criminalize essas pessoas precisa ser feito.

nathaliab.contato@hotmail.com
viny.costaferreira@gmail.com